

## O Pecado

Após a queda de nossos primeiros pais todos nascemos encerrados na condição de pecadores. Mas o que isto significa? O que afina de contas é o pecado? Geralmente tendemos a pensar apenas em termos de moral quando se trata de pecado, ou seja: pecado é quando fazemos algo errado. Essa abordagem acaba por dizer implicitamente que se cumprimos uma série de normas e observamos uma lista de pecados podemos nos qualificar como pessoas boas. Não é bem assim. Um entendimento estreito acerca da doutrina do pecado pode nos convencer de que somos capazes de realizar um projeto de autosalvação. Tim Keller na obra “Deus Pródigo” expõe essa tentativa de autosalvação no capítulo “Redefinindo o pecado”, no qual mostra que a conformidade moral torna-se uma tentativa de autosalvação, sendo “seu próprio Salvador e Senhor”.<sup>1</sup>

### Pecado é o que somos

A primeira coisa que as Escrituras nos falam sobre o pecado é que o pecado é o que somos. Todos os que descendem dos primeiros pais estavam representados por eles diante do Criador na queda e dessa maneira todos caímos por causa da federalidade (representatividade) diante de Deus, como nos lembra a CFW no capítulo VI, item III: “Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito de seus pecados foi imputado a seus filhos”.

Isto significa dizer que a nossa natureza básica no instante da concepção é o pecado. Essa existência perversa, contrária ao plano original e distorcida é chamada pelos teólogos de “depravação total”. O termo “total” aqui significa que a desconexão do Criador esvaziou o ser humano da perfeição com a qual fora criado em todos os aspectos de sua existência, de forma que a imagem do Criador na criatura ficou severamente deformada. Como explicam Pearcey e Colson, “os reformadores cunharam a frase ‘depravação total’, significando que nossas escolhas pecaminosas distorcem todos os aspectos do nosso ser, inclusive as ideias”<sup>2</sup>: “A natureza humana se torna totalmente depravada, pois foi corrompida. Isto não significa que o ser humano se tornou tão mal quanto pode ser, mas que todas as partes da natureza humana sofreram os danos do pecado: a mente, a vontade, as emoções e até o corpo”.<sup>3</sup>

O que a doutrina da Depravação Total enfatiza de maneira tão contundente é que a questão do pecado humano não é apenas uma questão de prática, daquilo que fazemos, mas antes é o retrato da natureza do homem, aquilo que somos. Como bem percebeu Agostinho, o mal não está no ato exterior, mas dentro do coração humano.<sup>4</sup>

A escolha de Adão lançou a todos nós em uma condição de tamanha distorção da imagem original que o que ficou no lugar foi uma horrível caricatura, como afirma Calvino: “Mesmo embora concedamos que a imagem de Deus não tenha sido totalmente aniquilada e destruída no homem, ela foi tão corrompida que, qualquer coisa que permaneça, é uma deformidade horrenda”.<sup>5</sup> A CFW é clara ao afirmar esta deformação como consequência do pecado dos primeiros pais para eles próprio: “Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma” (Cap. V, Par. II).

### O pecado é relacional

Outra faceta do pecado é que o mesmo se manifesta como uma desconexão das conexões com as quais Deus criou o homem: “houve uma [desconexão]<sup>6</sup> em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou] de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> KELLER, Tim. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010, p.67

<sup>2</sup> COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p.213

<sup>3</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>4</sup> AGOSTINHO. *O livre arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1959, p.32

<sup>5</sup> Institutas, I, XV, p.4

<sup>6</sup> No original, “alienação”.

<sup>7</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

Pecado é primeiramente desconexão do Pai, pois “sobretudo o pecado rompe e resiste a vital relação humana com Deus, e isso ele faz rompendo e resistindo de inúmeras e entremeadas formas”.<sup>8</sup> Também é desconexão do outro, pois nos relacionamos com o outro a partir de nossa natureza egoísta e autocentrada. É desconexão de si mesmo, pois “quando pecamos, não somente entristecemos a Deus e ao nosso semelhante, mas também destroçamos a nossa própria integridade”.<sup>9</sup> Por fim, é desconexão também da natureza pois “o mandado cultural, que significava mordomia, cuidado e desenvolvimento dos recursos naturais para a construção do reino de Deus, foi deturpado e a partir do trabalho do homem deu-se a exploração e a poluição da natureza”.<sup>10</sup>

O que é preciso enfatizar aqui é que o pecado não é a quebra de uma lei conceitual apenas, um erro judicial, mas o pecado se manifesta nos relacionamentos: são pessoas que estamos maculando e ofendendo! Seja a indiferença ao Criador ou o descaso com o próximo, o pecado sempre tem a ver com alguém, nem que seja conosco mesmos. O viciado pode argumentar que não faz mal a ninguém, esquecendo-se de que ele mesmo é alguém.

### **O pecado é errar o alvo**

Pecado é o que somos que se se externa nos relacionamentos, mas ainda falta algo mais. Como afirma Plantinga de maneira muito esclarecedora, “o pecado é um subconjunto do mal: é qualquer mal pelo qual alguém é culpado, seja como indivíduo ou como membro de um grupo”.<sup>11</sup>

Logo, há um vínculo estreito entre o pecado e a moral, pois “pecado é o mal que é culpável”,<sup>12</sup> o que significa dizer que o pecado é a quebra de um padrão moral. No caso, devemos nos lembrar que o padrão moral estabelecido é o padrão do Criador, expresso em sua palavra, e não a moralidade consensual do contexto social no qual estamos inseridos. Pode ser que algo seja moral e pecaminoso e imoral e não pecaminoso quando se trata da moral social. O padrão de vida que o Eterno espera de nós está expresso nas Escrituras e se manifesta plenamente em Cristo, nosso modelo de obediência, e nos mandamentos que nos orientam na vida no Reino.

Logo, o pecado é algo que somos que se externa nos relacionamentos de maneira a quebrar o projeto para o qual fomos criados, é errar o alvo que foi estabelecido do Criador, indo além ou aquém. Neste sentido o pecado é quando vivemos de maneira a vandalizar o projeto do Criador, subvertendo os relacionamentos e destruindo as conexões, anulando a beleza da vida projetada pelo Eterno. Cornelius Plantinga enfatiza este aspecto do pecado que corrói, mancha e por fim destrói toda a criação no seu brilhante livro “Não era para ser assim”: “todo o âmbito das misérias humanas, desde a falta de descanso e a separação, indo pela vergonha e pela culpa até as agonias do dia-a-dia na televisão – tudo nos diz que essas coisas na vida não são como deviam ser”.<sup>13</sup>

### **Fortalezas do mal**

Podemos dizer que estamos enredados por uma estrutura que brota do mal e financia o mal, de tal forma que nossa condição se torna desesperada. As Escrituras dizem que há uma estrutura fundada sobre três pilares que se torna uma fortaleza do pecado: a carne, o mundo e o Diabo.

A carne é o termo paulino para a natureza humana pecaminosa, nossa natureza que está enferma, é inimiga do Eterno e sobre a qual não temos controle, como ressalta Agostinho.<sup>14</sup> Essa natureza é inclinada para o mal e indisposta a se render a Deus.

O termo “Diabo” é usado comumente para se referir aos anjos rebeldes que nos precederam na queda. Ele é ao mesmo tempo o Tentador dos crentes, incitando nosso apetite natural pelo pecado, e o acusador daqueles que atendem seus apelos. Seu jogo envolve o desejo e a culpa, num ciclo maligno.

Por fim, “mundo” aparece nas Escrituras para se referir a um amplo sistema de valores, ideais e conceitos num complexo emaranhado cultural que se opõe a Deus e ao seu Reino.

<sup>8</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.19

<sup>9</sup> PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.67

<sup>10</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>11</sup> PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.62

<sup>12</sup> PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.63

<sup>13</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.16

<sup>14</sup> MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.509

O pecado como autossalvação – Tim Keller

O pecado como indiferença a Deus – Eugene Peterson (os pecados podem ser virtuosos e blá blá blá)